

LIMA BARRETO NA SALA DE AULA E NA CRÍTICA DE OSMAN LINS¹

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i37p70-81>

Sandra Nitrini

RESUMO

Artigo de teor informativo sobre a presença de Lima Barreto nas aulas de Literatura Brasileira, proferidas por Osman Lins na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília (SP), de 1970 a 1976. Nas anotações preparatórias para essas aulas e aquelas dedicadas a elementos da narrativa, em especial ao espaço, encontra-se o embrião de sua tese de doutorado, *Lima Barreto e o espaço romanesco*. Como professor e como crítico, Osman Lins contribuiu para recolocar o esquecido Lima Barreto em circulação literária na década de 1970 e valorizar sua obra.

PALAVRAS-CHAVE:
Lima Barreto; Osman Lins; Circulação e valorização literárias.

ABSTRACT

*Informative article on the presence of Lima Barreto in Brazilian Literature classes, given by Osman Lins at the old Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras of Marília (SP), from 1970 to 1976. In the preparatory notes for these classes and those dedicated to elements of the narrative, in particular to space, is the embryo of his doctoral thesis, *Lima Barreto and the romanesque space*. As a teacher and as a critic, Osman Lins contributed to reintroducing the forgotten Lima Barreto into literary circulation in the seventies and valuing his work.*

KEYWORDS: *Lima Barreto; Osman Lins; Literary circulation and valorization.*

¹ Este artigo se baseia em programas, roteiros de aulas e relatórios elaborados por Osman Lins, no período em que foi docente de Literatura Brasileira em Marília (SP), reunidos por Julieta de Godoy Ladeira, que os confiou à minha guarda, em 1989. Havia a perspectiva de um dia nos reunirmos para pensarmos o que fazer com ele. Aguardei sua chamada para este encontro, que não ocorreu. Há alguns anos decidi torná-lo objeto de uma das minhas linhas de pesquisa. Encontra-se em andamento a organização deste material. Uma parte (os roteiros das aulas) será publicada, com notas explicativas e com breves comentários. O conjunto deste material, digitalizado e no original, será doado ao Fundo Osman Lins do IEB.

Osman Lins foi professor de Literatura Brasileira na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília de 1970 a 1976. Já era escritor reconhecido nacional e internacionalmente e prestigioso intelectual combativo. Na sua estreia como docente selecionou Lima Barreto, ao lado de Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Marques Rebelo, para compor o conteúdo programático dos 2º e 3º anos de Literatura Brasileira. Os romances estudados foram *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*.

Em 1971, Lima Barreto integra novamente o programa do primeiro semestre do 3º ano, ao lado de Machado de Assis e de Graciliano Ramos. Dessa vez com o estudo exclusivo de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Nos dois anos seguintes, Lima Barreto não figura em seus conteúdos programáticos. Mas é de notar que, no relatório de atividades discentes de 1973, Osman Lins se refere a uma tarefa em que grupos de alunos por ele orientados realizaram trabalhos de criação literária, dentre os quais ele salienta uma “peça teatral de duração de quase duas horas sobre a vida e a obra de Afonso Henriques de Lima Barreto”. Ao ressaltar no relatório essa experiência, no seu entender bem-sucedida, Osman Lins diz o quanto conseguiu motivar o interesse de seus alunos por esse autor.

Numa outra configuração de conteúdo programático para o curso dos alunos do 4º ano, em 1974, reaparece Lima Barreto, situado no PRÉ-MODERNISMO – Lima Barreto e o romance social, com a indicação de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*. Outro item é MODERNISMO E TENDÊNCIAS CONTEMPORÂNEAS, com a relação dos seguintes escritores a serem estudados: José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Cornélio Pena, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Dalton Trevisan e Ricardo Ramos. Autores aqui enumerados com o intuito de chamar a atenção para o lugar que, na visão do Prof. Osman Lins, Lima Barreto deveria ocupar entre as melhores representações da Literatura Brasileira do século XX, assim como o fizera nos seus programas anteriores.

A partir da análise desse material, infere-se que, da obra de Lima Barreto, Osman Lins privilegia o estudo de *Triste fim de Policarpo Quaresma* e *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* em suas classes. Porém, o roteiro de uma de suas aulas a ser comentado adiante revela que ele se preocupou em apresentar para seus alunos um esboço mais amplo da obra barretiana.

Considerando-se que Osman Lins se afastou de suas atividades docentes por um período em 1975 e que viria a se exonerar da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no início do ano seguinte, é possível dizer que Lima Barreto foi assunto de um conjunto numericamente significativo de suas aulas no período de quatro anos e meio. Ele foi incluído, conforme antes exposto, num elenco variado de autores brasileiros do século XX. Fato a ser relevado no contexto de sua revalorização nos anos 1970, depois de um considerável período de esquecimento. Osman Lins o coloca em circulação em suas salas de aula. Circulação que se ampliará com a publicação, em 1976, de sua tese, defendida três anos antes, *Lima Barreto e o espaço romanesco*.

Levada a termo por exigências administrativas para que Osman Lins se mantivesse como professor universitário, essa tese é motivada no fundo por seu grande apreço e sua admiração por Lima Barreto. Começou a ser elaborada no calor do entusiasmo do professor Osman Lins na sala de aula. Ela brota dos roteiros e esquemas de suas aulas, não só daquelas dedicadas a Lima Barreto, mas também daquelas voltadas para a teoria literária, mais especificamente aos

elementos da narrativa. De modo que seu mergulho na obra barretiana muito se deve à sua fase professoral em Marília (SP). Com isso ganharam seus alunos, ganhou a fortuna crítica de Lima Barreto, e ganharam os estudos literários em geral.

No relatório de atividades docentes de 1971, Osman Lins registra sua preocupação em relacionar sempre que possível cada uma das obras estudadas com um determinado aspecto estrutural das narrativas: no caso das obras de Machado de Assis, insistiu na análise dos problemas do foco narrativo; na abordagem de Graciliano Ramos, a tônica incidiu sobre a distinção entre enredo e estrutura narrativa (fábula e trama); quando se dedicou a Lima Barreto (*Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*), o estudo girou em torno das técnicas e da funcionalidade de sua ambientação; e, finalmente, em suas aulas sobre Clarice Lispector, ele se concentrou nos problemas do tempo. E para isso se valeu de uma bibliografia teórica de ponta, àquela época, incluindo os formalistas russos e alguns nomes do estruturalismo francês e, com certeza, de sua expertise como escritor.¹

Um dos primeiros ecos da atuação de Osman Lins em sala de aula nos chega por suas próprias palavras, em carta datada de 14 de abril de 1970, a seu amigo, o escritor Hermilo Borba Filho, com quem manteve correspondência por dez anos:

Como você vê, já estou escrevendo de Marília, e portanto em plena atividade docente. Sim, senhor, aqui está o seu amigo ensinando a uns duzentos alunos a amar os nossos escritores. Ainda hoje fiz uma exposição sobre o velho Lima Barreto, um dos da linha de frente. Houve alunas que choraram e eu mesmo estava um tanto emocionado, pois a vida desse homem é típica do escritor, do que realiza obstinadamente a sua obra. Não quero fricotagens, toda essa festividade de passar seis meses discutindo um adjetivo. Quero que a turma dê apreço ao trabalho dos verdadeiros escritores. Escolhambe, por exemplo, seu Coelho Neto, com as suas conferências sobre o beijo, o lenço... (que filho de...) e Olavo Bilac com a sua campanha pelo alistamento militar (que...) E assim vamos. Não terminar amando seu Hermilo Borba. (BARBOSA, 2019, p.205).

Depreende-se desse trecho da carta que, ao levar ao conhecimento da classe a sofrida vida de Lima Barreto e sua luta para escrever e se impor no mundo das

¹ Assim como sua tese brotou de suas aulas, o mesmo se pode dizer de seu artigo sobre o tempo em “Feliz aniversário” (LINS, 1974, p.16-22) e do livro *Missa do Galo* (LINS, 1977a), homenagem prestada por sua iniciativa a Machado de Assis, à qual se juntaram Antonio Callado, Autran Dourado, Julieta de Godoy Ladeira e Nélida Piñon.

Letras, Osman Lins consegue tocar fundo em suas alunas. Note-se a expressão “o velho Barreto”: carrega a ideia de proximidade afetiva e descontraída entre eles, como se tivessem encontros reais. Osman Lins qualifica-o como um dos escritores “da linha de frente”, posição que Lima Barreto não chegou a ver reconhecida. Refere-se à sua vida como típica do escritor verdadeiro, “que realiza obstinadamente a sua obra”, no que Osman Lins se identifica com o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Outros pontos de identificação serão assinalados futuramente pelo próprio Osman Lins (1976) em seu livro *Lima Barreto e o espaço romanesco*, na parte introdutória intitulada “Escrito depois, para ser lido antes”: “paixão e respeito pela Literatura”, “desejo de cumprir com dignidade o ofício de escrever”, “consciência de uma oposição irreduzível entre o escritor e o poder”, “tentativa de construir obra pessoal e identificada com seu tempo” (p.13).

As motivações do afeto e da admiração de Osman Lins por Lima Barreto, registradas na referida carta ao amigo, foram explicitadas no texto, aqui mencionado, destinado ao grande público. Osman Lins nos coloca a par de seu processo de leitura e de recepção da obra de Lima Barreto e, também, da alteração de seu olhar, inicialmente guiado pelas restrições “que obscureciam o julgamento dos seus contemporâneos” (p.11) para os quais se impunha o padrão estilístico de Machado de Assis. Passou a vê-lo não mais “como um escritor menor do que Machado de Assis e sim *diferente* dele, com personalidade e objetivos próprios” (p.11). Na esteira dessa nova percepção, considera: “Lima Barreto, como homem e como ficcionista deixa um pouco na sombra seu genial predecessor” (p.11). Esse juízo de Osman Lins é justificado por várias condutas do autor de *Clara dos Anjos*, entre outros, “a coragem com que assume a condição de negro...”, com que reconhece o desajuste radical entre o escritor e a sociedade”, com que toma partido dos mais fracos” (p.11), com que acusa os plutocratas e denuncia o imperialismo ianque, em contraposição ao mutismo do “Bruxo do Cosme Velho”. Atributos sintetizados no título “Não silenciou sobre seu tempo”, do artigo dedicado a seus “escritos circunstanciais”, publicado em 13 de maio de 1976, data em que Lima Barreto faria 95 anos (LINS, 1977b, p.171-5).

Dentre os materiais de suas aulas reunidos em pasta por Julieta de Godoy Ladeira, há dois documentos que registram anotações sobre a biografia de Lima Barreto, sem indicação bibliográfica. Um deles detalha os diferentes

acontecimentos de sua vida e parece ser um fichamento minucioso da famosa biografia, *Aldebarã - A vida de Lima Barreto*, de Francisco de Assis Barbosa (1967), obra mencionada na bibliografia de *Lima Barreto e o espaço romanesco*. O outro apresenta anotações mais breves de sua biografia, intercaladas por referências às dificuldades enfrentadas para que seus livros viessem a público, e por comentários sobre as minguidas acolhidas e pouca compreensão de seus leitores. Em meio a essas notas, surgem indicações de que o professor deveria se deter na apresentação de alguns romances, mediante a frase “Falar do livro”, em letras maiúsculas. O roteiro finaliza com breves comentários de seus romances.

Não há indicação de data nesses documentos. É de supor que o primeiro tenha servido de suporte para a sua aula que tanto comoveu a classe. No entanto, será privilegiado, neste artigo, o segundo fichamento, por intercalar informações sobre a vida e rápidas apresentações de algumas obras de Lima Barreto, dando-nos, assim, a oportunidade de nos aproximarmos mais da visão que Osman Lins teria passado sobre a vida e a obra de Barreto em suas salas de aula nos já longínquos anos 1970. E muito provavelmente esse roteiro de aula tenha ecoado na fatura da peça de teatro criada e encenada por seus alunos, bem como no primeiro capítulo de sua tese: “Lima Barreto: o escritor. Linguagem; temática; o problema das repercussões biográficas na obra”.

As linhas de força da poética de Lima Barreto, apreendidas a partir das breves anotações que finalizam esse roteiro de aula, se traduzem na junção do tema do insulamento com a forma esgarçada de suas estruturas narrativas. Para fundamentar essa afirmação, reúnem-se, aqui, as observações retiradas da apresentação dos romances de Lima Barreto: “Ausência de amor e aventura. Explicar por que. Isaías fechado em si mesmo” (sobre *Isaias Caminha*). “O que é o livro. Os 2 amigos celibatários e seus encontros – Nunca falam de si mesmos e não procuram invadir a intimidade do outro. Não se modificam mutuamente” (sobre *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*). “Há intensificação de laços entre os personagens. Mas as separações permanecem: quase sempre falam de temas abstratos.” (*Numa e ninfa*). “História de uma conquista, é o único dos seus livros não dominado pelo tema do insulamento. Mas, curiosamente, a ação, aí (de Cassy Jones), é deletéria” (*Clara dos Anjos*). “Como seria o livro? Retomaria a linha do insulamento? Parece que sim.” (*Cemitério dos vivos*). A forma esgarçada das

estruturas narrativas se traduz pelas expressões – “ausência de amor e aventura”, “não se modificam mutuamente”, “mas as separações permanecem”, “mas curiosamente a ação aí é deletéria” – que, além de denotarem insulamento, indicam também carência de ação, de drama e de conflito.

Tais observações, ao lado de outras, revelam uma perspectiva de leitura direcionada para a arte de compor. Ressonâncias dessas anotações do roteiro em tela são desenvolvidas no capítulo III de sua tese, “Lima Barreto: os romances”, no qual são focalizadas e aprofundadas três questões fundamentais para a compreensão da obra barretiana, na visão de Osman Lins: o tema do insulamento, o deslocamento do eixo dos conflitos e a tensão entre personagens e espaço, ressaltadas no subtítulo. A tônica dos roteiros de suas aulas e de sua crítica é a de captar o modo como a forma literária também revela o conteúdo da obra, aspecto fundamental, para seu juízo de valor.

A contribuição de Osman Lins nos anos 1970 para a fortuna crítica de Lima Barreto reside precisamente no olhar para a composição de sua obra, sem desconsiderar sua dimensão política, social e crítica, celebrada desde sempre. O professor-escritor e crítico pernambucano se debruça na análise da carpintaria literária de Lima Barreto e desvenda seu modo peculiar de narrar, coerente com sua visão de mundo, e que se aparta dos modelos fundamentados em conflitos cerrados. Com essa estratégia de leitura Osman Lins responde aos críticos que insistiram em apontar suas fragilidades estilísticas e falhas no modo de encadear os acontecimentos em seus romances.¹

Na maior parte de *Lima Barreto e o espaço romanescos* temos o predomínio de análise de um conjunto de ocorrências do espaço na obra barretiana, e em outras, de autores brasileiros e estrangeiros, como um amplo exemplário com o objetivo de ilustrar as categorias de espaço (franca, reflexa, dissimulada) elaboradas por Osman Lins, a partir de uma bibliografia teórica, da sua prática

¹ Assim se inicia o citado capítulo de Lima Barreto e o espaço romanescos: “O leitor familiarizado com a imagem de um Lima Barreto escritor político, afeito às assertivas corajosas, ligado aos homens, interessado em depor sobre o seu tempo e assumindo em face da sociedade, uma posição atuante, inclinar-se-á, talvez a recusar o vulto desvendado em parte pela nossa análise; mais que político, metafísico; trespassado de dúvidas, transitando no mundo como um estranho; e, principalmente, desconfiado da ação” [...] “Decorrência inevitável da desconfiança que cerca ação nesses romances, singularizando-os (notadamente em Isaías Caminha, Policarpo Quaresma e Gonzaga de Sá), e da mútua dissociação entre suas personagens, é a ausência de conflito” (LINS, s. d., p.49).

como leitor e profundo conhecedor da literatura ocidental e da própria experiência enquanto criador literário. Única contribuição brasileira para os estudos teóricos sobre o espaço romanesco até há pouquíssimo tempo, e indispensável até hoje.¹

A essa contribuição para a teoria literária sobrepõe-se a leitura analítica e crítica de *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, desenvolvida no último capítulo do livro (*“Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá – Temática, ambientação e funções nesse romance – Conclusão”*). Nessa parte se concentra o ponto alto da tese de Osman Lins, no campo da crítica literária voltada para a obra de Lima Barreto. Esse foi o romance que figurou mais vezes nos seus programas como objeto específico de estudo. Numa leitura que integra o espaço no conjunto dos elementos da narrativa e que contempla a complexidade de uma obra literária, Osman Lins nos desvela como Lima Barreto foi bem-sucedido na arte de compô-lo, com suas estruturas narrativas esgarçadas em consonância com o tema do insulamento. A ementa sobre *Gonzaga de Sá* no roteiro acima apresentado revela o quanto, na visão de Osman Lins, ele nada tem a ver com o modelo tradicional que visa surpreender seus leitores pela história, a prendê-los pelos conflitos e pelo desenrolar de drama, a comovê-los e a distraí-los. Trata-se dos encontros entre dois amigos celibatários, Gonzaga e Augusto Machado. e suas conversas em torno de assuntos como vida e morte, a cidade, as diferenças sociais, o esmagamento do indivíduo pelo sistema de trabalho, pela exploração e por suas fragilidades íntimas. Temas esses explicitados num outro roteiro de aula, dedicado exclusivamente a essa obra.

Enfim, ainda segundo Osman Lins, *Vida e morte de M.J. Gonzaga de Sá* visa a discussão e a análise, é um livro cerebral. Ao se referir a esse romance, no roteiro de aula analisado, indaga o professor “O que é o livro”, o que não ocorreu na apresentação das outras obras barretianas, justamente porque ele se diferencia dos demais na busca de soluções narrativas ousadas, o que pode causar estranhamento e incompreensão para determinados leitores. Tais ideias são desenvolvidas no seguinte trecho de *Lima Barreto e o espaço romanesco*:

[...] Necessário ter seguido as peripécias de muitos heróis romanescos, suas lutas em direção a um determinado objetivo,

¹ Os roteiros das aulas teóricas sobre os conceitos de espaço e de ambientação, encontrados no material reunido por Julieta de Godoy Ladeira, impressionam pela similaridade com o desenvolvimento desses temas na tese de doutorado de Osman Lins.

para avaliar a importância dessas personagens menos propensas a agir que a refletir; que se haja acompanhado a evolução de numerosos conflitos, para aferir a ousadia dessa concepção destituída de pontos de resistência; o conhecimento de muitos enredos firmemente estruturados é indispensável à avaliação desse romance desarticulado e cuja desagregação reflete tão bem o homem de que se ocupa, ilhado, não relacionado com os demais e a ponto de fragmentar-se interiormente; só quem afinou devidamente a sensibilidade para as sutilezas do ritmo e do clímax será envolvido por esta peça onde o ritmo narrativo é deslocado para regiões mais profundas – transfigurado talvez em uma secreta e quase inacessível melodia – e onde se recusa toda exigência relacionada com a ideia de crise, sendo as ondulações da obra, as eventuais expansões do seu protagonista absolutamente desligadas de um fio narrativo preciso; essas condições prévias e mais uma atitude de disponibilidade estética, não enrijecida por expectativas modeladas nas leituras feitas, eis o que não pode faltar a quem se aproxima de *Gonzaga de Sá* [...]. (LINS, 1976, p.112)

Estruturas narrativas esgarçadas também foram cultivadas por Osman Lins, a partir de *Nove, novena*. Um ponto em comum entre escritores tão diferentes em seus projetos literários e nos seus modos de ser. Teria essa coincidência contribuído, sem considerar o fato de ambos (o crítico e o próprio autor) julgarem esse o melhor romance barretiano, para Osman Lins selecionar *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá* como objeto primordial de sua leitura da obra de Lima Barreto? Ou teria contado sua dimensão metafísica? Ou os dois fatores? Ou os dois fatores entre outros? Quaisquer que tenham sido suas motivações, o que se pode afirmar com certeza é que Osman Lins muito contribuiu como professor e como crítico para a interpretação, a compreensão e a valorização da obra de Lima Barreto.

Referências

BARBOSA, F. de A. *Aldebarã – A vida de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Tecnoprint Gráfica, 1967.

BARBOSA, N. L. *E viva a vida!* Correspondência entre os escritores Osman Lins e Hermilo Borba Filho. Pesquisa documental, edição de texto fidedigno e anotada, introdução. Relatório final de pós-doutorado apresentado ao Instituto de Estudos Brasileiros. Universidade de São Paulo, 2019.

LINS, O. L. O tempo em “Feliz aniversário”. *Colóquio Letras*, Lisboa, n. 19, p. 16-22, maio 1974.

_____. *Lima Barreto e o espaço romanesco*. São Paulo: Ática, 1976.

_____. (Org.) *Missa do galo* (variações sobre o mesmo tema). São Paulo: Summus. 1977a.

_____. Não silenciou sobre o seu tempo. In: _____. *Do ideal e da glória*. Problemas inculturais brasileiros. São Paulo: Summus, 1977b.

_____. Programas de aulas, Relatórios e demais documentos relativos à docência do professor Osman Lins na Faculdade de Letras de Marília (SP). Reunidos por Julieta de Godoy Ladeira. São Paulo, s. d.

ANEXO

Segue a reprodução do roteiro da aula. Recomenda-se que se preste atenção nas linhas em negrito, ou marcadas por um traço. Tudo indica que sinalizariam a ênfase a determinados aspectos, que teriam sido enfatizados na exposição do Prof. Osman Lins.

LIMA BARRETO¹

Rápidos traços: n. 13-5-1881 – M. 1^o-11-1922.

Pais pobres. A mãe, neta de escrava. Ele, tipógrafo.

Morre a mãe quando L. B. tem 7 anos.

Aluno aplicado. Vestibulares p/a Politécnica (engenharia civil). Sucessivas reprovações. Ia pouco às aulas.

Começa a verificar diferenças devido à sua cor.

1902:² o pai enlouquece.

L. B. trabalha na Secr. da Guerra.

Interessa-se por Lit., funda Floreal em 1907.

¹ Texto datilografado em duas folhas, papel sulfite tipo A4. A numeração no centro superior da página aparece apenas na segunda folha: – 2 –.

² Havia antes uma data que foi suprimida por rebatimento dos números xxxx.

1908: Tem quase prontas as “Recordações do Escrivão Isaías Caminha” e também “Vida e Morte de M. J. Gonzaga de Sá.”

Publica o 1º, em 1909, o editor português A. M. Teixeira.

FALAR DO LIVRO.

Silêncio quase total.

Álcool. Sarjetas. Hospício, 2 meses. Balde para¹ lavar varanda² e banheiro.

Voltando do Hospício: Numa e a Ninfa (25 dias). Publicado em folhetins.

Inicia, regularmente, a atuação como jornalista.

Procura inutilmente editor para Triste Fim de P. Q. – Inútil Empréstimo. Publica-o às suas custas. FALAR DO LIVRO.

Repercussão.

Vem a guerra. L. B. contra.

Novo empréstimo: 2ª ed. de Isaías Caminha.

Álcool. Alucinação, clavícula quebrada. Contrato s/M. Lobato p/ Vida e Morte de M. J. G. de Sá.

Intensifica colaboração nos jornais. Combatividade.

Natal de 1919: novo delírio alcoólico.

Concentra-se no seu quarto e prepara alguns volumes, inclusive O Cemitério dos Vivos, que fica inacabado.

Mas o declínio é evidente. Agrava-se a saúde do pai, com quase 70 anos; e a sua própria. Último³ romance: Clara dos Anjos.

Pouca gente soube da sua morte.

ISAIAS CAMINHA – A história.

Técnica. Aproximação c/S. Bernardo. – Ausência do personagem⁴-narrador.

_ O cronista Floc suicida-se. Lobo, o revisor, enlouquece por causa da Gramática.

Ausência de amor e aventura: explicar por que. – Isaías fechado em si mesmo.

¹ Rebatimento da letra “r”.

² Sobreposição de letras “an”.

³ Rebatimento da última letra.

⁴ Rebatimento em “em”.

POLICARPO QUARESMA. – A história. O protagonista. – Interessante: Policarpo sentia impulsos imperiosos de agir. Age e é castigado: carta¹ pedindo a adoção do tupi: cultivo² do campo; o erro maior, interferência na História (Revolta da Armada).

VIDA E MORTE DE M. J. Gonzaga DE SÁ – O que é o livro. Os 2 amigos celibatários e seus encontros. – Nunca falam de si mesmos e não procuram invadir a intimidade do outro. Não se modificam mutuamente.

NUMA E A NINFA – Desenvolve conto publicado 3 anos antes. Há intensificação de laços entre os personagens. Mas as separações permanecem: quase sempre falam de temas abstratos. – Numa Pompílio de Castro triunfa porque sua mulher tem um amante e este escreve os discursos do marido.

CLARA DOS ANJOS – História de uma conquista, é o único dos seus livros não dominado pelo tema do insulamento. Mas, curiosamente, a ação, aí (de Cassy Jones), é deletéria.

CEMITÉRIO DOS VIVOS, ambientado no Hospício Nacional de Alienados, onde começa a escrevê-lo, não chega a ser concluído. Mútua impregnação desse livro e do Diário do Hospício.

Como seria o livro? Retomaria a linha do insulamento? Parece que sim.

Sandra Nitrini é professora titular do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP).

¹ Segue rebatimento de palavra xxxx.

² No original: “cult ivo”. Como não há data neste documento e como Osman Lins incluiu Lima Barreto no seu programa de 1974, uma dúvida surge: este roteiro funcionou como esquema de elaboração para sua tese, ou foi elaborado a partir dela? Essas observações que acabam de ser feitas valem também para o roteiro de aula sobre o conceito de ambientação. Tendo a crer que antecederam a fatura da tese, assim como o roteiro de sua aula sobre *Vida e morte de M. J. Gonzaga de Sá*, o romance que aparece em todos os seus programas